



### **Evaristo de Miranda**

Engenheiro Agrônomo, tem mestrado e doutorado em ecologia pela Universidade de Montpellier (França). Com centenas de trabalhos publicados no Brasil e exterior, é autor de 45 livros, incluindo Tons de Verde (português, inglês e chinês). Pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária desde 1980, participou e coordenou mais de 40 projetos de pesquisa e implantou e dirigiu três centros nacionais de pesquisa. Atualmente é chefe geral da Embrapa Territorial, em Campinas, SP.

## **Nós amargos do cacau**

Chocolates são tudo de bom. Na base de todos estão amêndoas torradas e moídas do cacau (*Theobroma cacao*). Do cacau ainda se utiliza a polpa para produzir sorvetes, sucos, geleias e até destilados. Originário da região amazônica, o cacau foi domesticado e aos poucos cultivado em regiões úmidas da América, bem antes da chegada dos europeus. No Brasil, o cacau vive dias difíceis. Nestas semanas, descobriu-se na Amazônia a chegada de uma praga devastadora para o cacau, a monilíase (*Moniliophthora roreri*).

O cacau é americano e os dois maiores produtores estão na África: Costa do Marfim e Gana (50% da produção mundial), a um oceano de distância das pragas e doenças amazônicas. Nigéria e Camarões também têm expressiva produção, acima do Brasil. Quando o país foi grande produtor, o cacau era cultivado na Bahia, longe e isolado das pragas de sua Amazônia natal.

O cacau gerou muita riqueza no Sul da Bahia e para o Brasil. Uma civilização baiana do cacau, imortalizada em livros (*Cacau*, São Jorge de Ilhéus) e personagens de Jorge Amado. Até um grupo militante trazer da Amazônia e introduzir na Bahia, a praga da vassoura-de-bruxa (*Moniliophthora perniciosa*). Segundo seus relatos, eles foram a Rondônia de ônibus, várias vezes, buscar essa doença. No retorno, amarravam ramos com vassoura-de-bruxa em árvores de fazendas escolhidas com critérios políticos. A doença se espalhou e destruiu as lavouras. Quebraram os “barões” do cacau. Não só.

Com as lavouras, foram destruídas vidas e sonhos de milhares de famílias de trabalhadores rurais, cacauicultores e comerciantes. Foram extintos 250.000 postos de trabalho. Isso provocou o êxodo de cerca de 800.000 homens, mulheres e crianças das fazendas. O suicídio arruinou a economia de quase 100 municípios, como mostra o filme *O Nó: Ato Humano Deliberado*. Grandes áreas de cacau sob cobertura florestal foram abandonadas e desmatadas para pecuária, com prejuízos à biodiversidade da Mata Atlântica. Tudo será esquecido, nada será reparado, como dizia Milan Kundera.

A produção anual brasileira da ordem de 450 mil toneladas caiu para pouco mais de 250 mil toneladas. Com a vassoura-de-bruxa, a participação do Brasil no mercado internacional recuou de 6% para 0,2%. O Brasil deixou de ser um dos maiores exportadores mundiais de cacau. Tornou-se importador. Segundo a Associação Nacional das Indústrias Processadoras de Cacau das 218 mil toneladas de cacau processados, 166 mil são de cacau brasileiro e 52 mil toneladas, importadas. E surgiram novos problemas.

Reforçar as boas práticas agronômicas e as defesas sanitárias estaduais e federal. Fortalecer a pesquisa e a biossegurança. Conscientizar produtores, comerciantes, consumidores e autoridades dos riscos de ataques contra a sanidade dos cultivos no Brasil. Sem a união de todos, milhares pequenos produtores de cacau podem ser as próximas vítimas da introdução de pragas e doenças. E o chocolate continuará mais caro e amargo por aqui.